

18ª edição

Jorge Fernando dos Santos

ENTRE
LINHAS
AVENTURA

O Rei da Rua

Ilustrações: Marco Aragão

Conforme a nova ortografia

 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão de texto • Pedro Cunha Jr. (coord.)/Renato A. Colombo Jr./Célia Regina do N. Camargo

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Supervisão de arte • José Maria de Oliveira

Diagramação • José Aparecido de Oliveira

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Coordenação eletrônica • Sílvia Regina E. Almeida

Impressão e acabamento •

Suplemento de leitura • Veio Libri

Consultoria editorial • Vívina de Assis Viana

Projeto de trabalho interdisciplinar • Lúcia Leal Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Santos, Jorge Fernando dos

O Rei da Rua / Jorge Fernando dos Santos;
ilustrações Marco Aragão — 18. ed. — São Paulo :
Atual, 2009. — (Entre Linhas: Aventura)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0313-9

ISBN 978-85-357-1170-7 (professor)

1. Literatura infantojuvenil I. Aragão, Marco.
II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Copyright © Jorge Fernando dos Santos, 1993.

SARAIVA S.A. Livreiros Editores

Rua Henrique Schaumann, 270 – Pinheiros

05413-010 – São Paulo – SP

SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

Todos os direitos reservados.

18ª edição / 8ª tiragem
2015

811197.018.008



1

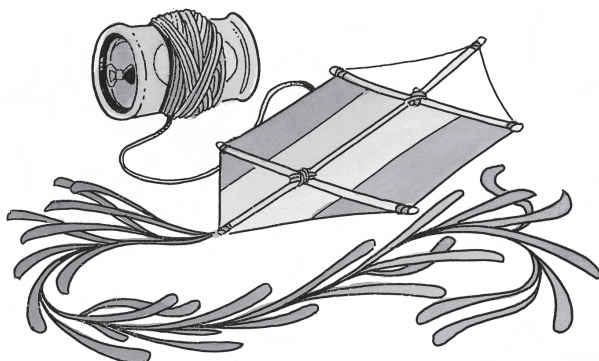
Adilson morava na Rua 4, esquina com a Rua 5, no bairro Caiçara, em Belo Horizonte. Aos onze anos, era magro e comprido, tinha cabelos e olhos castanhos e a pele dourada de sol.

Adilson passava as manhãs no Colégio Anchieta, na Avenida Carlos Luz, onde cursava o 6º ano. Chegava da aula por volta do meio-dia e era a conta de almoçar, trocar o uniforme verde e branco por um calção azul e ganhar a rua novamente.

– Já vai sair, menino? – dizia dona Vilma, ao que o filho respondia lá do portão:

– Demoro não, mãe. Demoro não...

– Demoro não! Sei – resmungava dona Vilma, enquanto recolhia pratos e talheres.



2

Adilson levava consigo a pipa multicolorida e a linha enrolada numa latinha de cerveja. Subia a Rua 5 num só fôlego até o alto do morro, onde a turma costumava se reunir todas as tardes.

Enquanto subia, sentia o vento soprar cada vez mais forte, sacudindo galhos de árvores, espalhando folhas e flores pela calçada.

Àquelas alturas, o azul do céu já estava salpicado de pequenos pontos de todas as cores: pipas vermelhas, amarelas, verdes, cor-de-rosa...



3

Do alto do morro podia-se ver todo o bairro e também uma parte do centro da cidade. Prédios de vários tamanhos que brotavam de outros menores, vidraças refletindo a luz do Sol.

Quando o vento soprava do oeste, as pipas boiavam no espaço, na direção daqueles prédios lá embaixo, como se fossem atraídas por uma força invisível.

– Deve ser o ímã da montanha – explicou certa vez Nico Salomão, filho do turco da venda.

Pois naquela tarde era o vento do oeste que soprava, e a turma podia ver melhor a Serra do Curral, que se erguia do outro lado da cidade, desde a Serra da Piedade até aquela que mais parecia mulher grávida, deitada de cara e barriga para cima.

– Olha lá. Não parece mesmo uma barriga? – disse João Espinha, um branquelo de rosto espinhento e cabelos cor de fogo.

– É filho meu – ironizou Julinho Cocota, o mais metido a conquistador, “terror das meninas”, como os outros costumavam chamá-lo.



4

– Oi, pessoal – gritou Adilson, já empinando o papagaio.

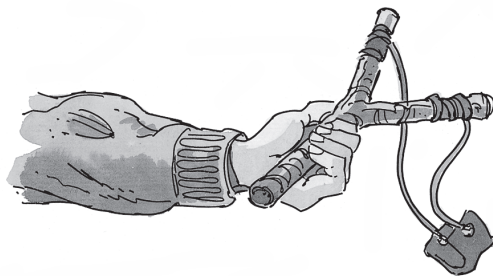
– Pensamos que você não vinha – disse Zequinha, um negrinho de nove anos, que de todos era o menor e também o mais entusiasmado pelas guerras de pipa.

Nesse momento, Tião Gavião, um moreno narigudo já com os seus doze anos, comentou:

– A turma do Chico tá que tá.

– Já levaram dois dos nossos – disse Arnaldinho, seu irmão caçula.

– Aquele Lampreia filho da mãe! – exclamou Adilson, com uma expressão de asco na voz.



5

Chico Lampreia era o líder dos meninos da Rua Belmiro, e a sua ambição era liderar toda a gurizada do bairro. Louro de olhos azuis, tinha o nariz torto e uma cicatriz acima da sobrancelha esquerda – marca de pedra de atiradeira.

Chico era Francisco por vontade da mãe, mulher muito católica. Nascera no dia de São Francisco de Assis, mas de santo mesmo não tinha nada. Aos treze anos incompletos, já constavam do folclore de suas façanhas muitas estripulias narradas pelos meninos e meninas do lugar.

– É um diabo louro – diziam os rivais amedrontados.

– É o Rei da Rua – orgulhavam-se os seus aliados.

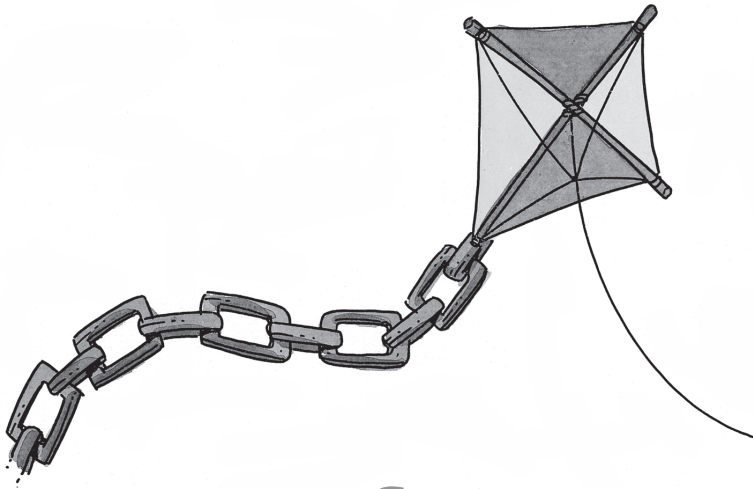
Na pedra era tiro e queda. Nos punhos, o mais ligeiro. Diziam que ainda pequeno esmagara um pintinho com as próprias mãos. Por volta dos oito anos ateara fogo no burro do seu Zé Carroceiro, o que lhe valera a primeira queixa na polícia e uma baita surra do pai, que fora obrigado a pagar indenização por perdas e danos. Aos onze anos fora expulso do Colégio Anchieta por agredir uma professora com uma régua de madeira.

– Eu, se fosse o senhor, seu Astolfo, internava ele num reformatório – aconselhara o disciplinário.

– Filho meu, eu mesmo educo – retrucara seu Astolfo, já viúvo naquela época.

Lampreia era sobrenome de família. Sobrenome por ele odiado. Ainda mais quando dito sozinho, só Lampreia, sem prenome ou apelido.

– Nome de peixe. Onde já se viu? – dissera ao pai certa vez, depois de consultar um dicionário.



6

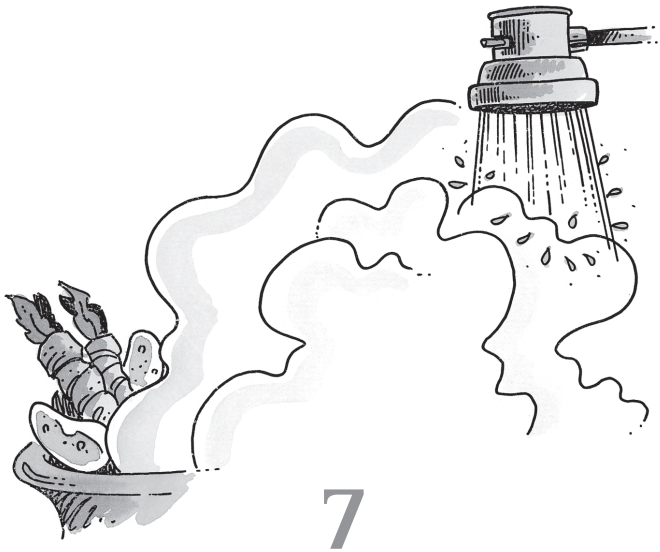
Pois naquele instante Chico Lampreia comandava a sua temida e afamada turma. Mirava o azul do céu atentamente, o que lhe azulava ainda mais o olhar tão frio.

– Toca pra esquerda, Toninho... Dá uma buscada pra direita, Armando... Joga berimbau naquela barriga, Paçoca...

E, enquanto os outros obedeciam, o gordo Gil Pança, braço direito de Lampreia, boné encardido na cabeça, desafiava os meninos do alto do morro:

– Dá linha, galinha...

E era sempre assim. Bastava o vento oeste soprar e as pipas surgirem no céu que os meninos da Rua Belmiro logo, logo empinavam suas arraias, com as linhas untadas de cerol.



Naquele dia Adilson voltou para casa por volta das cinco horas. A pipa multicolorida aos frangalhos. Um corte no indicador direito causado pela força da linha.

– Isto são horas, menino? – repreendeu dona Vilma lá da cozinha, faca e legumes nas mãos.

Adilson não disse palavra. Estava remoendo mais aquela derrota para a turma de Chico Lampreia.

“Aquele filho da gansa” – dizia consigo mesmo. – “Cinco pipas num só dia”.

Olhou a pipa multicolorida no chão do quarto. As taquaras quebradas, a barbela cortada, o papel rasgado bem no meio.

– Mas a minha eles não levaram – resmungou com uma ponta de orgulho na voz. – Quebraram, mas não levaram – acrescentou.

– Trata de tomar banho e fazer os deveres de casa antes do seu pai chegar – gritou a mãe, enquanto mergulhava os legumes em água fervente.

Adilson entrou no banheiro, fechou a porta e abriu o chuveiro.